

# Stadium

N.º 337

18 de Maio de 1949

Preço: 2\$50

A REVISTA GRÁFICA DE DESPORTO DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

**PORTUGAL, 3  
PAÍS DE GALES, 2**

★

A defesa do País de Gales emprega-se a fundo, na 2.ª parte. Rogério em acção!



**STADIUM**

sai na próxima 5.ª feira  
com a **REPORTAGEM**  
do **PORTUGAL-IRLANDA**

# A vitória de Portugal sobre o País de Gales

assentou no feliz desenvolvimento do ataque nacional, na segunda parte, e na valiosa exibição de Barrigana em todo o jogo

**P**ORTUGAL ganhou a uma boa equipa. A vitória tardou, no tapete de relva do Jamor, mas foi justa e serviu de prémio à maneira como o conjunto nacional se comportou na segunda parte do encontro.

País de Gales, um belo conjunto, dos bons grupos que tem passado pelo Estádio Nacional, conseguiu impôr-se durante todo o primeiro tempo, explorando as vantagens fornecidas pelo vento e demonstrando capazmente o seu valor, o seu bom processo de jogo. Na segunda parte do encontro, porém, o «gales» baixaram, cedendo contra o bom trabalho dos jogadores nacionais. Todavia, e por variadíssimas vezes, as redes portuguesas foram p-stas em dificuldade. Os visitantes, dispostos de defesa forte e ágil a bater a bola, contavam por certo surpreender o conjunto português nas suas escapadas rapidíssimas. Não contaram, porém, com o valor demonstrado por Barrigana. O guarda-redes nacional impressionou fortemente todo o público e os próprios adversários. Não se pode jogar com mais «altura»!

**A** equipa nacional causou sérias apreensões durante todo o primeiro tempo. Os «país de gales» envolveram médios e defesas com estrondo, fazendo subir no de cima muitas deficiências. Os remates de Ford, herculeo e jogador, pareciam abanar as mãos fortes de Barrigana; os extremos galgavam os flancos defensivos, com mais dificuldade do extremo Edwards, porque Virgílio, embora menos brilhante a princípio, dominando mal o vento forte, batia-lho sempre com energia; e os interiores, serenos nos toques para o lado e utilíssimos no passe largo, da direita para a esquerda e da esquerda para a direita.

Este período de jogo deu os dois golos britânicos. E um tento nacional. O que desfez o empate a favor dos adversários apareceu numa altura em que Portugal tinha 10 homens no terreno, pela saída de Patalino. Não compreendemos lá muito bem a demora na entrada em jogo do estorilista Mota. Os portugueses não conseguiram saborear as alegrias do empate, porque o jogo prosseguiu com Patalino caído mas fora do campo, de onde não deveria ter saído sem a rápida entrada do seu substituto. Assim, o jogo prosseguiu, e os avançados britânicos, sabendo do seu ofício, aproveitaram a «oportunidade» e passaram num ápice o resultado para 2-1. E depois entrou Mota...

Os dois tentos dos «internacionais» nossos adversários tiveram uma urdidura fácil mas terrivelmente eficaz. O extremo direito deu-lhe o primeiro toque e Ford

o último, atirando com força extraordinária. Barrigana fez tudo para salvar o golpe de mestre, e por um pouco se saía com todo o exito. Uns milímetros mais e a bola beijava a madeira, depois de tocada pelos seus dedos. Mas faltaram esses milímetros e o esférico ricocheteou para as malhas.

No segundo tento estranho, o mesmo Ford, tendo 3 portugueses na sua frente, meteu com impulso a testa a uma bola vinda de Edwards, um extremo esquerdo da melhor categoria. Lembrou-nos Lawton, nesta jogada. A bola partiu com uma velocidade e uma direcção extraordinárias.

Entre os dois pontos apareceu o primeiro nacional, pontado pelo habilidoso Rogério, mas de facto concluído por Patalino e no fecho de uma confusão provocada pelo rápido avanço do nosso extremo esquerdo. Armando Ferreira também entrou de parçaria com o elvense. Este, no final do encontro, disse-nos ter sido, na «realidade», o autor do golo.

A formação britânica não abandonou o ataque enquanto sentiu que o vento poderia «judar». Sempre em passada larga, sempre dando a bola em passes longos, baixando-a e tirando-a lá do alto com a cabeça, para os pés, carregando sem temer e rindo-se das cargas «inocentes», os nossos adversários burlaram constantemente a colocação defensiva nacional, — mas sem esmagar porque Barrigana nunca perdeu o tino dentro da baliza, porque Felix subiu à medida que o tempo passava, porque acontecia o mesmo a Canário e Virgílio, e porque Francisco Ferreira continuava «sinal», excelente, como havia começado.

Os deanteiros portugueses, porém, falhavam investidas. Atemorizados umas vezes em presença das vigorosas entradas da defesa, onde Jones batia a bola com apurada classe, e infelizes outras, só uma vez se viu sair um remate fortíssimo dos pés de Travaços, mas a um lado da baliza. Seria temível com um pouco mais de direcção, a despeito de Hughes revelar segurança e bela colocação entre os postes. Os dois «esquerdos» nacionais, Travaços-Rogério, mostravam-se ainda assim os mais perfeitos na urdidura de lances e terminaram mesmo o primeiro tempo a jogar bem. Mota fazia todos os possíveis para se adoptar, Vasques e Armando Ferreira tentavam o jogo em «pases demasia-dos pequenos e facilmente destruídos. Lembramo-nos muito da boa «forma» de Jesus Correia. As famosas corridas do extremo leonino poderiam ter destruído no último domingo muitas combinações defensivas britânicas. Referimo-nos, evidentemente, à boa forma de Jesus Correia.

Do que não ficaram dúvidas foi da superioridade revelada pelos «gales» na primeira parte do desafio. Territorial e tecnicamente. Não nos fizeram esquecer, nem de perto nem de longe, o famoso conjunto da Inglaterra. Nenhum «nome» excedeu os Lawton, os Matthews, os Finey, os Scott ou Franklin. O médio Burgess é daquela massa, na verdade, mas não seria ainda um elemento capaz de entrar nesta altura naquela equipa que nos deslumbrou. Igual ao valor da Irlanda — possivelmente. Menos arte — mais velocidade. De qualquer dos modos — País de Gales mandou-nos um agradável grupo, todos bons jogadores, e por certo pode fazer figura nos desafios que aceitou internacionalmente.

**O** RA, na segunda parte, a equipa portuguesa melhorou em massa ou quase. A defesa marcou cuidadosamente o tempo de entrada à bola, antecipando-se e ganhando algumas vezes na luta. Barrigana, esse, continuou na baliza com autoridade. Na primeira parte, inteligente, demorando-se com a bola na sua área de influência, à espera que se queimasse o tempo e desaparecesse o vento. Neste segundo período, rápido, procurando colocar sempre a bola no ataque.

As escapadas britânicas, posto o nosso grupo ao ataque, eram ainda mais perigosas para a baliza. Os elementos da defesa, como é natural, abriam mais o jogo, mas a atenção de Barrigana nem um só momento foi traída.

Há grupos que antes querem jogar contra o vento. É uma questão de saber dominar a bola e de saber baixá-la com perfeição. Mas os de País de Gales não foram desses e consentiram que Portugal dominasse. A defesa fechou o melhor possível a baliza, causando-nos impressão o modo como 5 homens formaram uma cortina de apoio ao trabalho de Hughes, principalmente na marcação dos pontapés de canto. O guarda-redes britânico quase desenvolvia a sua acção sem estorvo. Mas dois golos mais tocaram as redes. Um de Mota e outro de Vasques, ambos à custa de «força». O do estorilista, então, nasceu após uma série de devoluções curiosas, ora de Jones, ora de Lambert, ora de Burgess. Por fim, depois de mul-

tas aflições, — Hughes foi irremediavelmente batido.

A vontade não faltou ao conjunto nacional, depois do empate. A vitória apareceu após visível esforço, mas deve apontar-se que se tornou merecida e correspondendo à melhoria de todo o grupo, no tocante a conjunto, pois alguns valores individuais continuaram dentro de certa modestia.

Parece-nos, portanto, que não pode considerar-se resolvido o problema de selecção. Continuamos a ver jogadores apáticos, faltos de fibra internacional. Alguns, nada mais tendo para dar em favor do futebol português. Outros, porém, segura promessa. Mais desafios com camisola vestida e estarão feitos. Nesta caso — Barrigana, conquistando já o lugar sem discussão possível! Depois de Genova, onde se lhe contaram dois erros, um jogo contra a Espanha, certo, seguro, mas sem bolas para brilhar — este encontro contra o País de Gales arruma todas as dúvidas. Algumas defesas que executou salvaram a equipa da derrota. Várias, parecendo fáceis, eram «traíçoelas» ao máximo. Neste geito — duas na primeira parte e outra nos últimos 2 minutos do desafio. Que susto...

Felix fez agora um desafio todo, e bem no segundo tempo. Dominou nesta altura bastante mais o perigoso Ford. Virgílio também cumpriu excelentemente, nos 45 minutos finais, devendo-se-lhe levar em conta o facto de não haver treinado nem estagiado convenientemente por causa do serviço militar. Estes — os mais novos em andanças internacionais, com o melhor caminho na sua frente. Patalino e Mota, outros dois novatos, nem sempre estiveram felizes. O primeiro teve a pouca sorte de jogar no pior momento. O segundo colocou a sua extraordinária vontade ao serviço da equipa. E essa vontade, como se viu, resolve muitos problemas...

Entre os já «experimentados» — Francisco Ferreira agradou-nos muito; Canário um segundo tempo excelente e a indicação de que pode fechar ainda a nossa época internacional. Serafim, Vasques e Armando Ferreira, os menos brilhantes, os dois primeiros atravessando crise ou não podendo dominar no momento qualquer influência de ordem física. Boa segunda parte tiveram Rogério e depois Travaços. O extremo surpreendeu pela diligência, sendo

## PORTUGAL-IRLANDA em Dublin

A crónica de TAVARES DA SILVA — nosso enviado especial — e a reportagem gráfica do encontro — sairão no próximo número da «Stadium», quinta-feira, dia 26.

# A "graça" da semana



«Os Malmequeres Amarelos» que tanta alegria deram à reboia do Jamôr foram... «colhidos» pelos portugueses!!!

apenas de anotar ao interior a falta de remate a favor do vento. Que Armando Ferreira, diga-se a tempo, soube construir com os dois alguns lances excelentes. Três cantos muito bem marcados pelo extremo direito, causaram impressões à defesa dos «gales». No sistema de jogo desenvolvido na segunda parte, Rogério — Travaços — Ferreira denunciaram segurança nos «toques», mas a falta de audácia deixou algumas nódoas no trabalho de todos.

Se toda a linha de ataque fôsse arrojada, Mota aparte, apareceriam muitas complicações junto da baliza de Hughes. Mas não aconteceu assim, e o guarda-rede britânico pôde brilhar em bolas altas, que seguiu sempre à vontade. Os defesas, com distinção para Jones, e os médios de ataque, Burgess em especial, também dominaram muitas situações na segunda parte e quasi todas da primeira. E Ford, um homem que na Inglaterra está a conquistar a fama de Lawton e custou 1.500 contos de transferência, chamou sobre si a atenção de todo o público. Um grande jogador em qualquer parte. Como a equipa que nos visitou, sem dúvida.

Generoso Attilio, árbitro de Itália, agradou-nos em absoluto. Dirigiu este desafio com toda a autoridade, soube fazer a destreza entre as cargas leais e as desleais, seguindo sempre de perto o movimento dos jogadores de ambas as equipas. Técnica — perfeita.

As equipas apresentaram-se assim formadas:

**Portugal** — Barrigana; Virgílio, Félix e Serafim; Canário e Francisco Ferreira; Armando Ferrei-

ra, Vasques, Patalino, Travaços e Rogério.

**País de Gales** — Hughes; Sherwood, Jones e Lambert; Paul e Burgess; Griffiths, Lucas, Ford, Lowrie e Edwards.

**Árbitro** — Generoso Dattilo (italiano). Fiscais de linha: Domingos Miranda e Borques Leal.

Depois do jogo, como é tradicional, reuniram-se os jogadores num banquete de confraternização. Os britânicos fizeram as suas declarações, gostando alguns, pelo

menos quantos ouvimos, do ambiente que rodeou o desafio. Sobre o Estádio Nacional — encantados.

O guarda-redes Hughes, do outro lado do campo, viu Barrigana defender como um «diabo». Impressionou-o muito a agilidade e os golpes de rins de Barrigana, e quis ver-lhe as mãos, num dos salões da Avenida Palace...

— E parece lento, disse-nos Hughes. Mas na altura própria, é rapidíssimo.

O extremo esquerdo Edwardes disse-nos que Virgílio não o largava e que o surpreendera a equipa portuguesa na segunda parte. Barrigana e Francisco Ferreira, no seu entender, os melhores portugueses.

«Uma palavra sobre o nosso Estádio: uma coisa maravilhosa. O árbitro Dattilo:

— A equipa portuguesa agradou-me mais do que em Génova. Rápidos, imprevistos, mudando de jogo constantemente. O guarda-redes é muito seguro, assim como Ferreira, Félix, Travaços e Rogério.

O dr. Armando Sampaio, seleccionador, mostrou-se satisfeito com o trabalho dos seus pupilos.

Manifestaram também a sua satisfação pelo resultado, que consideram justo, Barrigana, Serafim, Virgílio, Félix, Patalino (contente por haver marcado o 1.º golo), Travaços, Canário, Virgílio (satisfeito com a sua primeira vitória internacional) e Francisco Ferreira — o capitão da equipa. Este disse-nos ainda:

— A equipa galesa sabe o que faz. Joga como os grandes grupos que tenho visto; Ford é um bom elemento, assim como Burgess, Edwards, Jones e Hughes.

«O árbitro Dattilo — muito bom.

Neste banquetes de confraternização foram trocadas as inevitáveis prendas. Os jogadores portugueses, além de um bom pré-

Ano VII — II Série — N.º 887  
Lisboa, 18 de Maio de 1949

**Stadium**  
REVISTA DESPORTIVA  
—  
REDACÇÃO e ADMINISTRAÇÃO  
**RUA DA ROSA 252-1.º**  
Telefone, 31187 - LISBOA  
Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS  
Chefe da Redacção: DR. TAVARES DA SILVA  
Propriedade de  
**EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM LIMITADA**  
NEOGRAVURA, LIMITADA

## Visado pela Comissão de Censura

mio pecuniário da Federação, receberam um isqueiro onde se lia, em inglês: «País de Gales — para sempre».

Falaram sobre o significado da partida os senhores engenheiro Mascarenhas de Menezes, e Wates Jones. Ficou no ar uma promessa: — a de se efectuar no País de Gales um desafio mais, pelo menos.

Os nossos visitantes, todos, confessaram o seu encantamento com a recepção. O engenheiro Mascarenhas de Menezes, no seu discurso em inglês, disse:

«Quando tivemos a ideia de realizar este desafio pensamos muito antes de nos decidirmos, pois tínhamos presentes as lições recebidas de outras equipas de real categoria. Embora, porém, satisfeitos com a vitória alcançada, não negamos classe aos jogadores galeses, cuja ligeireza e primores de execução individual nos surpreenderam. O resultado teria decerto sido melhor para a equipa do País de Gales, se o guarda-redes português não houvesse realizado excelente exibição. (Palmas dos jogadores visitantes, visando Barrigana).

# O Sport Lisboa e Benfica conquistou o campeonato nacional de juniores em futebol

O Benfica, vencedor do campeonato nacional de juniores em 1943-44 e 1944-45, teve, esta época, um comportamento brilhantíssimo, primeiro no campeonato regional, depois no torneio nacional. Ainda no dia 5 deste mês se distinguira, de novo, em luta contra um grupo misto com os melhores jogadores de Lisboa. Havia, por isso, interesse em ver jogar a sua equipa contra o «conze» académico de Coimbra, tido como valoroso na zona norte do país.

De princípio, podemos dizer que a partida correspondeu em absoluto à expectativa que se criara a propósito do encontro. A Académica principiou realmente bem — com velocidade e apego à luta, infiltrando-se com facilidade no reduzido defensivo dos adversários. Todo o «conze» deu a impressão agradável de um valor susceptível de se opor, victoriosamente, aos campeões do Sul. Breve, porém, se fez sentir a maior experiência, e o melhor conjunto dos lisboetas. Aos 8 minutos, Teixeira, recolhendo um passe de Alcobia, e

apontando quase sem preparação, começou a fazer pender a balança a favor da sua equipa. O segundo tento demorou mais. Mas era já esperado quando a luta o tornou possível. Coube a Gil marçá-lo, num lance aparentemente simples — um toque de cabeça, antes de Martins, em defesa, chegar à bola. Ao intervalo, estava o resultado, em 2-0, embora os académicos jogassem a favor do vento, a soprar em rapidez.

O Benfica teve, no entanto, dificuldade em aceitar a exibição. Ao princípio, a rapidez dos académicos embarracou-lhes os movimentos. Os dois médios de ataque, Gomes e Coelho, é que influíram no desdobinar da partida. O ataque viu-se em aperto, para o remate. Por tudo isto, e pela ventania, o jogo não teve o fulgor que era de esperar. E só brilhou quando, no seguimento do segundo tempo, o Benfica, encontrando menos oposição no «conze» académico, e tendo o vento a favor, pôde mais confiadamente traçar bons esquemas de jogo, da defesa para o ataque. O «conze» lisboense teve, então, pe-

ridos de brilhantismo. Nesta parte, apenas a defesa encarnada se viu atrapalhada, algumas vezes, para anular tentativas do quinteto avançado de Coimbra, sempre animoso na disputa da bola. E é de notar que se registaram oportunidades para ser marcado o ponto de honra. Garcia Ribeiro e os dois defesas apuzeram-se valorosamente. Mas houve também pouca sorte, em alguns lances. Em atases, o Benfica venceu bem, sem margem para dúvidas. E a Académica bateu-se com galhardia.

As duas equipas alinham com seguinte:

**Benfica** — Garcia Ribeiro; Baltazar, Oliveira e Baptista; Gomes e Coelho; Diamantino, Arlindo, Teixeira, Gil e Alcobia. Marcaram pontos: Teixeira (2), Gil (3), Diamantino e Arlindo.

**Académica** — Martins; Vieira, Pinto de Almeida e Lima; Saraiva e Portugal; Mário, Pimentel, Morgado, Bráulio e Lebre.

A arbitragem esteve a cargo do sr. Paulo de Oliveira, do Santarém. MÁRIO DE OLIVEIRA

# OS CAMPEÕES DO MUNDO DE HOQUEI EM PATINS NO ESTAGIO



Um pouco de *footing* faz bem aos músculos... em plena manhã radiosa



Os primos estão satisfeitos da vida. O Necas e o Zeca sorriem de contentamento. São grandes campeões!



O estágio no Estoril também tem ótimos momentos de repouso e contemplação.



Os campeões mundiais de hoquei em patins treinam no Estoril, onde se encontram em estágio



Um exercício de treino dos internacionais famosos em todo o mundo



Após o almoço confraterniza-se. A radagem dos hoquistas é exuberante



2



## SPORTING

perde na Corunha  
sob arbitragem parcial



3

1—O guarda-redes da Corunha livra-se do ímpeto de Jesus Correia; 2—Azevedo sofre um dos golos, apesar de mergulhar com rapidez; 3—Jesus Correia marca, oportunamente, o ponto de honra do Sporting

UMA EQUIPA PORTUGUESA

tomará parte nos concursos de PARIS e de MADRID



1 — Cap. Henrique Calado.  
2 — cap. Reymão Nogueira.  
3 — cap. Guedes Campos.  
4 — cap. Fernando Cavaleiro.

Está já constituída a equipa que representará o hipismo português nos Concursos de Paris e de Madrid, a qual está prestes a seguir para a capital francesa sob a chefia do sr. tenente-coronel Ivens Ferraz.

Findas as provas do Concurso de Mafra e devidamente apreciada a actuação dos cinco elementos em principio escolhidos para a representação nacional que all se apresentaram com os cavalos da reserva da equipa, houve necessidade de escolher quatro, uma vez que é este o número de cavaleiros a desloca ao estrangeiro.

Como todos eles ofereciam as necessárias condições quanto aos seus dotes de incontestável valor, houve necessidade de apreciar a actuação dos cavalos, entre os quais uns se comportaram melhor do que outros. O cavaleiro a excluir seria aquele que neste momento se apresentasse menos brilhante.

Findos os trabalhos de selecção a equipa ficou definitivamente constituída pelos capitães Guedes de Campos, Reimão Nogueira, Fernando Cavaleiro e Henrique Calado, que em Mafra tiveram magnífica actuação, conforme tivemos ocasião de referir.

A equipa, de facto a melhor que neste momento poderia ser constituída, apresenta-se bastante homogênea sendo de esperar que a sua actuação corresponda, mais uma vez, às tradições do hipismo nacional.

O grupo de cavalos, que já embarcou para Paris, reúne as nossas montadas de melhor actuação neste momento.

Os quatro componentes da equipa nacional deste ano, são já todos internacionalis e dois d'elles olímpicos.

O capitão Reimão Nogueira que já actuou com êxito em Nice e Madrid, é um cavaleiro valente e conhecedor que revelou em Fontainebleau as suas inegáveis qualidades e os seus profundos conhecimentos.

(Continua na pág. 15)



ACTIVIDADE DO LISBOA GINÁSIO

O Lisboa Ginásio não se cansa na sua faina de educação física. Ao lado, um exercício da classe de ginástica especial dirigida pelo prof. Robalo Gouveia; em baixo, um trecho da classe de senhoras, do prof. Aníbal Ramos



MANUEL DOS SANTOS

VISTO POR K-HITO



Manuel dos Santos, tinto do sangue do maior touro que saiu na Feira de Sevilha

No semandrio "Digame", de Madrid, o seu director, K-Hito escreveu de Manuel dos Santos:

«El otro triunfador de esta tarde torera es Manolo Dos Santos. El valor de Dos Santos ha sido ya sometido a las más duras pruebas. Nada pudo mermar sus arrostos, pero latención al tren! que este valor del torero lusitano no es esa efervescencia alocada de los noveles que les lleva a cometer las mayores locuras en sustitución de un arte que no tienen. Manolo Dos Santos está ya de vuelta. Por eso su pasmosa serenidad tiene una base sólida, la base de quien no ignora el porqué; por eso, porque sabe el terreno que pisa, pisa un terreno peligrosísimo y de él sale garbosamente, holgadoamente, ante la emoción difícilmente contenida de los espectadores. Dueño de la muleta, que maneja a las mil maravillas, con suavidad y aseó, cita en corto, porfia a una distancia inverosímil. Y donde sólo hay un par de pases Manolo Dos Santos encuentra veinte. Fué esto lo que le vi en Valencia y lo que le he visto en Sevilla. Cualidad magnífica que ha de valerle mucho. Sevilla ha respaldado a este diestro portugués, que nació en Golega como pudo nacer en una caseta de la feria sevillana. Ovación en un toro; petición de oreja en el último, y paseo por el ruedo, en hombros, con Domingüín.

Nos hallamos en presencia de un artista valiente y plétórico de personalidad; de un torero interesantísimo de cante grande y fados y sevillanas a lo Reverte. Cantemos, pues».

(Nesta Corrida, de Guardiola, os touros de Manuel dos Santos foram os que mais pesaram: 537 e 551 quilos).

«Había obtenido el diestro portugués Manolo Dos Santos un éxito clamoroso en el tercer astado. Y fué en el sexto donde Manolo Dos Santos volvió a muletear en forma muy parecida a la que reseñada queda. Otro faenón en tablas. Otro toro aplomado o tardo, al que un torero da categoría. Dos pinchazos, una estocada y una gran ovación.

Aquel que va en hombros, aquel muchacho rubio de la sonrisa y el frac ha sido.

Excelencia: mi saludo.

Pues sí, fué este Manolo Dos Santos, torero como Reverte, con música de bordón y golpe de madera, quien sacó las cosas de quicio. Torero como Reverte, pero de frac y galante sonrisas. Y, además, inalterable.

Su primer toro, el del suceso, era un manso, lleno de querencias. Ya he dicho otras veces que Dos Santos, al toro que no tiene un solo pase, le saca diez, y al que tiene diez, cincuenta. No sé cómo. Mejor dicho, sí lo sé. Llegándole a una distancia increíble, dándole todas las ventajas, cruzándose con él. Un caso.

La emoción que se deriva de semejante toro, que no es inconsciente, sino sereno y dulce, no es para descrita. Un natural y otro. Más todavía. «¡No, no! ¡A matar, a matar!» Más naturales que el toro, no se sabe cómo, tiene que aceptar. Falta a los espectadores aire para respirar. Las gentes se ponen en pie y gesticulan. «Toreraso, toreraso!» Monta la espada, y tras ella se va para hundirla hasta la cruz en lo alto. Tantos pañuelos flamean en los tendidos, que parece una suelta en masa de palomas. Descabella el portugués y todos los clavetes del parque de María Luisa, rojos oscuros, como sangre de toro, cubren el albero dorado. La oreja; una o dos, que tampoco sé si luego a Luis Miguel se le otorgaron en singular o en plural. A fin de cuentas, eso nada importa; ¡La que se ha armado esta tarde en Sevilla, a 30 de abril del año 1949! ¡Brrr!»

# A FORMAÇÃO MENTAL

## do jogador de futebol

O jogo de futebol, cuja prática se alastra, entre nós, entusiasticamente, de norte a sul do País, constitui, hoje, sem dúvida, um dos espectáculos preferidos por grande parte da gente portuguesa.

A várias factores se pode atribuir a sua crescente e constante divulgação, desde as características emocionais do jogo, que irmanaram sólidamente com o nosso temperamento e maneira natural de ser, à discussão dos inúmeros e intermináveis problemas que o próprio jogo levanta e que geram tertúlias animadas e entusiásticas dos adeptos da bola, que, assim, preenchem, em parte, as suas horas de necessário esparecimento.

O número de praticantes é cada vez maior e a renovação e completamente dos respectivos quadros coloca-nos perante um dos mais importantes problemas que há a enfrentar e resolver.

É normal, no nosso meio, quando um dos praticantes consagrados atinge o limite das suas possibilidades e abandona a actividade ou, por qualquer outro motivo — lesão, má condição física, etc. —, não pode dar — temporariamente que seja — o seu concurso à equipa de que faz parte ou à representação nacional, verem-se os encarregados das respectivas formações em palpos de aranha com o problema da necessária substituição. Nasceram fundamentadas apreensões e, dum modo geral, só passado muito tempo, após prolongada procura e variadíssimas experiências, se consegue arranjar um elemento capaz de se enquadrar na respectiva equipa, de modo a que o conjunto readquirira a valia e rendimento anteriores.

Tem sido assim, infelizmente, entre nós, e este panorama sombrio será o que estamos condenados a disfrutar doentamente, en-

quanto se não encarar com decisão e resolver com brevidade o problema da formação de jogadores, que constitui uma das mais instantes necessidades do nosso futebol.

Vários clubes tomaram já a iniciativa de organizar escolas de jogadores, criando, assim, autênticos «viveiros», no intuito, a todos os títulos louvável, de solucionar o problema. O encargo é apreciável e necessita de cooperação por parte das entidades competentes.

Nos clubes onde funcionam as mencionadas escolas, estão estas, normalmente, entregues ao cuidado de um antigo praticante, por vezes ainda em actividade. Sobre ele recai a espinhosa missão de ensinar aos «miúdos» o «ABC» do futebol, se bem que grande parte deles já tenha relativa noção do jogo e aturado contacto com a bola de trapos ou de borracha. Primeiramente, enceta-se a fase de aprendizagem, no que se refere à recepção, domínio e entrega da bola, passando-se, sucessivamente, a lances de jogo e pormenores de conjunto, que exigem já a ideia de cooperação e a noção de equipa. Isto no que se refere à formação técnico-táctica do praticante. No entanto, não devemos descurar a sua formação mental, principalmente no que respeita a conduta, conhecimento das leis do jogo e princípios indispensáveis de solidariedade desportiva.

Temos assistido a atitudes indelicadas, pelo que têm de impróprio e condenável, por parte de vários jogadores, alguns dos quais de primeiríssimo plano. Grande parte do público, por vezes, suscita e fomenta tais actos, sacrificando assim o decoro do espectáculo, com a sua desenfreada paixão e desmedida falta de senso. Seja como for, porém, o jogador deve saber sobrepôr-se aos despropositados, impróprios

e condenáveis incitamentos da assistência, mantendo uma linha de conduta irrepreensível. Nesse sentido se deve começar a orientar o seu espírito, simultaneamente com os primeiros ensinamentos técnicos do jogo. Os indivíduos que tem a seu cargo a delicada tarefa da formação de jogadores, não se devem esquecer de reunir frequentemente os seus alunos afim de lhes ministrar palestras tendentes a incutir-lhes o respeito devido aos adversários e ao público, o pronto acatamento das decisões dos juizes de campo, o espírito de sacrifício por vezes exigido pelas necessidades da equipa, etc., etc.

Por outro lado, nunca nos devemos esquecer, também, que o jogo do futebol, como sucede com todos os outros jogos, tem as suas leis próprias, às quais se deve subordinar o desenvolvimento da sua prática. Ora não se compreende que um praticante as ignore e falemos assim porque já temos observado vários praticantes manifestando um desconhecimento quase total da legislação e sabemos existirem jogadores de primeira categoria — note-se bem de 1.ª categoria — que desconhecem os princípios basilares de certas regras.

Julgamos constituírem estes factos graves entraves ao desenvolvimento, harmonia e aperfeiçoamento do jogo, pelo que devem de ser encarados com decisão, afim de se lhes pôr cobro. Para que a referida lacuna se não torne permanente, parece-nos que a melhor via será ministrar com assiduidade aos principiantes de hoje, donde, por via natural, sairão os «ases» de amanhã, o necessário conteúdo das leis em vigor.

Um jogador, por mais habilidade, intuito e favoráveis condições físicas que manifeste para a prática do jogo, será um «player» incompleto e poderá comprometer seriamente a sua equipa, se não passar a linha de conduta necessária para merecer o respeito e a admiração dos adversários e do público. Essa linha de conduta será resultante dos ensinamentos a que vimos de fazer referência, ensinamentos que se devem de tornar obrigatórios, afim de se obter praticantes de sólida formação mental.

E, no alinhavo desalinhavado destas considerações, uma ideia, apenas, nos norteou: o prestígio e o progresso da modalidade.

Carvalho Santos

## luto Nacional

A catástrofe que vitimou a equipa do Torino, foi sentida por todo o povo italiano como verdadeiro luto nacional.

O clube que ostentava orgulhosamente o título de campeão, que dava oito homens para a «equipa azul», privado brutalmente de todas as suas forças vivas, sentiu em torno de si atmosfera de simpatia e os seus dirigentes decidiram enfrentar a desgraça com força de ânimo bem desportiva.

Afluiram das colectividades concêntricas italianas, dos países eurocentrais mais em relações com o futebol italiano, os oferecimentos de jogadores para substituírem os desaparecidos.

O Torino agradeceu, mas não aceitou; aos quatro reservas que lhe ficaram, juntará os seus melhores juniores e com eles concluirá o campeonato, alinhando-os nos quatro jogos que falta disputar. Mais interessante ainda a atitude dos seus futuros adversários que, ante tal decisão, informam o clube enlutado de que apresentarão também, nesses encontros, os seus elementos juniores; fica portanto assegurado ao Torino o título que, sem a desgraça de Superga, lhe estava assegurado.

Os corpos das últimas foram reconhecidos pelo antigo seleccionador nacional Vittorio Pozzo cuja maior emoção foi resultante de não haver podido identificar dois dos jogadores a quem durante tantos anos estivera intimamente ligado em horas de glória.

A Federação, entre outras decisões, resolveu entregar às famílias dos jogadores desaparecidos a receita bruta integral do próximo encontro Itália-Austria e o Comité Olímpico Nacional, que no país exerce funções de confederação, destiná-la ao mesmo fim a sua quota-parte na receita do concurso nacional de prognósticos de domingo passado.

Os funerais dos jogadores constituíram impressionante manifestação de dó, com mais de 700.000 pessoas nas ruas de Turim. Ao longo do trajecto chuberram flores, milhares de líras de flores, sobre os carros fúnebres e no cortejo incorporaram-se todos os antigos azes de futebol italiano, Combi, Piola, Ferraris, todos aqueles que haviam aberto aos heróis caídos a luminosa estrada da fama e da glória.

## ARCADIA O DANCING N.º 1

— DA CAPITAL —

Apresenta um categorizado programa de atracções internacionais seleccionadas, com as esculturais bailarinas francesas

### LES DEUX PARISIENNES

A extraordinária vedeta de baile clássico

### ANITA DEL RIO

O conjunto coreográfico BALLET

### COPELA Y SUS MUCHACHAS

Josefina Maria

em bailes à guitarra acompanhados por

Manolo Navarro

os famosos estilistas de ritmos brasileiros

### ORQUESTRA FON-FON

Corneíta de Cardoba, Mary-Mely, Dorita de Triana, Petri Cobo, Hermanas Disder, Emilia Gomez, Mabel Valencia, Gloria La Gitanilla e Estrella Olmedo

ORQUESTRA ARCADIA

com a vocalista norte-americana DAINA

Abertura às 22 — Variedades às 0,15 e 2,15 horas

## PORTUGAL-IRLANDA em futebol

provocará mais uma grande reportagem da Revista STADIUM

Por tal motivo, o próximo número publicar-se-á na 5.ª feira, dia 26

# Uma vitória do Paraguai

provocou uma desforra do conjunto brasileiro

(Especial para «Stadium», do nosso redactor Candeias Alvarez)

Brasil e Paraguai defrontaram-se em 8. Janeiro perante uma assistência computada em cerca de 40 mil pessoas no último jogo do Campeonato Sul Americano.

Depois da campanha realizada pelo seleccionado brasileiro; depois das fragorosas derrotas que havia imposto aos demais concorrentes; na sua totalidade mediores; depois do muito que se escreveu exaltando-se as magnificas qualidades do futebol desenvolvido que os creditavam como quase invencíveis, havia antes do jogo uma percentagem de 10 contra 1 a favor do Paraguai. Partindo do principio de que o futebol brasileiro é insuperável, chegou-se ao cúmulo de se distribuírem as facha de campeão antes ainda do resultado final e foi o que se viu. O Brasil caiu frente a selecção do Paraguai por um resultado que não se ajusta ao desenrolar do encontro. Se após o apito final de Mr. Barrick o marcador nos apresentasse um 3 a 1 ou mesmo 4 a 1 seria o mais lógico. Mas os 2 a 1 não deixam de valorizar a vitória dos guaranis fruto do seu muito saber e da muita técnica.

Amarrado o trio central do seleccionado brasileiro, a catástrofe surgiu inevitavelmente. Depois, uma equipa onde existem jogadores como o guarda-redes Garcia, um médio-centro Nardelli que encheu o campo com a sua fibra, defendendo e atacando sempre no mesmo ritmo e um trio central como Lopez, Arce e Benitez, óptimos rematadores e esplêndidos distribuidores, tem de ser muito justamente considerada como capaz de bater os brasileiros até em sua própria casa o que de facto succedeu.

Os restantes jogando na mesma bitola dão confiança e certeza a quem os vê de que são profundos conhecedores do association. A derrota imposta não devia surpreender a maioria da torcida se verificassem que em todos os tempos e em todos os Sul-Americanos os brasileiros nunca haviam conseguido vencer os guaranis; no entanto o inesperado foi apenas a queda de um quadro que o exagero de alguns considerara inexpugnável. Como sempre, havíamos afirmado, a selecção brasileira tinha falhas em diversos sectores, mormente no ataque, que não a acreditavam. Só Flávio Costa seria capaz de com tantos avançados-centro à sua disposição fazer transplantar um interior para esse lugar, quando se sabe de antemão que ele não podia cumprir cabalmente a sua missão, o que depois ficou comprovado nos encontros em que tomou parte. Já Nininho, da Portuguesa de Desportos de São

Paulo, se desempenhou sempre a contento. Mas Sua Senhoria preferiu deixar de lado o «velho» Leonidas e Carlyle para satisfazer a sua simpatia pelo interior do Botafogo.

A vantagem territorial não basta para se vencer quando o adversário é de igual categoria ou superior.

Bastou à selecção encontrar pela frente uma equipa com um padrão de jogo definido e consciada das suas responsabilidades para lhes infligir o primeiro revez que nesse mesmo dia pela manhã os criticos achavam impossível. Com o decorrer do jogo, Flávio que passava o tempo ministrando instruções aos seus pupilos, não via que era de urgente necessidade a substituição de Octávio por Nininho e de Simão por Ademar que na ponta esquerda seria um óptimo colaborador de Zezinho. Na linha média, Danilo confundido não dava o rendimento desejado e depois com a alta produção de Nardelli apagou-se completamente.

Creemos que o Principe atravessa uma crise grande. Na defesa e enquanto Wilson se não lesionou ainda as coisas correram menos mal apesar do dominio insistente dos paraguaios que instalados no meio campo adversário bombardeavam as redes de Barbosa insistentemente, mas quando se verificou a sua substituição por Mauro, foi o fim. Em menos de 10 minutos os paraguaios passaram de vencidos a vencedores. Fim do encontro e depois de manifestações de entusiasmo por parte dos guaranis que deram a volta ao campo em saudação à assistência que os recebeu com prolongada salva de palmas, nas cabines do seleccionado brasileiro fazia-se um silêncio tumular.

Flávio Costa que já no jogo anterior havia afirmado que a torcida era a culpada do pouco rendimento da equipa, desta vez chegou ao cúmulo de afirmar como disfarce aos erros cometidos, dirigindo-se ao dr. Castelo Branco, dirigente da Confederação Brasileira de Desportos, que sempre lhe havia pedido para não marcar jogos noturnos para a selecção do Brasil!!!

Mas então no Brasil não se jogou sempre de noite? Será que o seleccionado brasileiro não está habituado à luz dos reflectores? Parece incrível mas é verdade. Estas afirmações do técnico nacional brasileiro dispensam comentários.

Uma verdade no entanto fica disto tudo. O Brasil tem uma selecção que em confronto com algumas que vimos no Europa é vulgaríssima. Por muito que se afirme em contrário, nós conti-

# O IV PORTUGAL-ESPANHA

disputa-se no domingo

em Tetuan

**R**EALIZA-SE, no domingo, em Tetuão (Marrocos espanhol), o quarto encontro internacional entre a equipa de basquetebol dos dois países ibéricos.

A tarefa dos jogadores portugueses é, particularmente, difícil, pois vão defrontar uma equipa fortíssima, constituída por excelentes atletas, conhecedores de todos os segredos da técnica e há muito habituados a estas pugnas internacionais.

Nos três encontros até agora disputados, a Espanha levou sempre a melhor, demonstrando, na realidade, uma superioridade que somos os primeiros a reconhecer.

Espere-mos, contudo, que os nossos bons representantes consigam, desta vez, alcançar um resultado que não nos deslustre e que fique a marcar o inicio de uma nova era do basquetebol português.

A selecção nacional, escolhida e preparada pelo antigo e valoroso jogador carnidense Fernando Amaral, tem seguido um regime intenso de treinos e tudo leva a crer que ela se encontra, actualmente, à altura de bem cumprir a missão que lhe foi atribuída.

Apreciemos, em rápida análise, o valor dos dez atletas que representarão Portugal no grande encontro do próximo domingo:

**Julio Morais** — do Benfica, que capitaneará a equipa, é um internacional que tem o seu nome ligado a muitas das vitórias conseguidas, nos últimos anos, pela equipa do seu clube. Jogador voluntarioso e sabedor, vai ser, por certo, um dos estílios do «cinco» português.

**Nogueira Cardoso (Pima)** — O melhor jogador português de todos os tempos. Capitão do Vasco da Gama e seu principal elemento. Pima é um atleta de fibra, capaz dos maiores sacrificios, na defesa da camisola que enverga. Pode

confiar-se no seu valor e na sua extraordinária combatividade. Duas vezes internacional.

**Cesar Cardoso** — Uma das maiores vocações do basquetebol português. Irmão de «Pima» é, como ele, um dos obreiros dos triunfos no Vasco da Gama, de há muitos anos para cá. Jogador subtil e fino, Cesar é uma utilidade em qualquer equip. Internacional dos dois últimos jogos contra a Espanha.

**Dias Leite** — O «endiabrado» «Bacanc», do Vasco da Gama, foi também internacional, nos jogos disputados com a Espanha, em 1947 e em 1948. Atleta de uma mobilidade espantosa, Dias Leite é, além disso, um perigoso rematador.

**José Ferreira** — Do Atlético C. Portugal vai vestir, pela primeira vez, a equipa nacional. Jogador habilidoso e com bom poder de remate, sabendo desmarcar-se como poucos.

**João Cruz** — Praticante já antigo, que começou nessa extraordinária «escola» que é o Carnide Club. Actualmente, é um dos mais destacados elementos do «cinco» do Belenenses. Atleta com qualidades excepcionais, pode ser muito útil, se se integrar nas necessidades da equipa. Estreante em jogos internacionais.

**Rui Duarte** — Defesa de bons recursos, embora não seja um novo. Sabendo jogar com os restantes companheiros, Rui Duarte, que alinha no Sporting, deve ser, hoje, um dos melhores jogadores portugueses, no seu lugar. Pela primeira vez internacional.

**Joaquim Araújo** — Uma revelação desta época. Elemento da Académica de Coimbra, Araújo, que é uma das grandes esperanças da equipa, foi agora, pela primeira vez, chamado ao «cinco» nacional.

**Domingos Diogo** — Jogador do Fluvial Portuense, já em 1948 foi chamado a prestar provas, não tendo sido, contudo, utilizado. Ainda jovem, Diogo é elemento de largos recursos.

**Amadeu Machado** — Jogador do Vasco da Gama, desde os juniores, tem sabido impor-se, mercê das inúmeras qualidades que possui para a prática do basquetebol. Internacional, pela primeira vez.

A estes dez atletas, que hoje partem para Espanha, foi confiada como dissemos, a representação de Portugal.

Desejamos, sinceramente, que, no jogo de domingo, eles saibam defender, com a galhardia, a correcção e o entusiasmo que são timbre de todos os verdadeiros desportistas, o bom nome e o prestígio do basquetebol português.

Monteiro Poças



O defesa esquerdo, experimentado jogador, corta uma das muitas avançadas oriundas pelo lado direito



Rogério, Vasques e Travaços intervêm numa jogada de ataque pleno de entusiasmo. A defesa do País de Gales comporta-se bem



Rogério luta com o extremo-direito. Tem vantagem, num lance magnífico de cabeça

# A 1.ª VITÓRIA INTERNACIONAL DA ÉPOCA



Eis o 1.º golo do País de Gales. Canário vê com tristeza a bola anichar-se nas redes. Um centro da direita foi modelarmente aproveitado pelo avançado-centro. Barrigana, num golpe ousado, ainda tocou na bola, mas nada pôde fazer!



Mota, esforçadamente, consegue colocar vitoriosamente a bola nas mãos do País de Gales e fazer o empate, caminho aberto para o triunfo!



O magnífico centro-avanzado do País de Gales em acção

Mota não consegue perturbar o magnífico estilo deste jogador do País de Gales



O guarda-redes do País de Gales, corpulento e bom jogador, defende uma bola por alto



O extremo-direito tenta passar Xico Ferreira; mas não o deverá conseguir...



Barrigana, extraordinário de classe, defende por alto



A defesa de Portugal comporta-se bem...



Fotos NUNES DE ALMEIDA, AMADEU FERRARI e JOSÉ MONTEIRO

Uma demonstração de como se joga a bola de cabeça...

# VIAGENS DO FIM DA ÉPOCA

Por GEORGES LANGELAAN

No Continente está a terminar agora uma época extraordinariamente bem sucedida e os entusiastas do futebol têm as excursões em perspectiva. Além das excursões internacionais — e a falta de Stanley Matthews no grupo de Inglaterra, causou muitas decepções no Continente e em particular na Escandinávia — há muitas excursões de clubes profissionais e amadores britânicos.

A Espanha deve receber os vencedores da Taça — o Wolverhampton — o Burnley e o Fulham. A Dinamarca tem uma lista em que se incluem o Portsmouth, os campeões da Liga, o Huddersfield, o Manchester City e o Chesterfield. A Holanda receberá o Accrington Stanley, o Rotherham, e os clubes amadores Middlesex Wanderers, o Willesden e o Hounslow Town. O Arsenal seguirá para o Brasil e o Brentford, o Portsmouth, o Brighton vão à Suécia. O New Castle irá ao Canadá e Estados Unidos e o Charlton e o Queens Park Rangers à Turquia. O Lincoln City vai à Islândia e o Blackpool à Irlanda.

Estas viagens representam uma actividade intensa, devendo haver desafios renhidos e os clubes britânicos terão de se empenhar a fundo para os vencer. Mas ainda o melhor sinal é o de estar a aumentar o hábito de realizar viagens pelo mundo fora. O futebol internacional pode nem sempre contribuir para aumentar a boa vontade e entendimento entre os povos mas procura consegui-lo. No campo desportivo pode fazer muito nesse sentido e as manifestações de aborrecimento e excitação devem ser sempre reprimidas.

Os grupos britânicos devem ir para essas viagens com a ideia de apresentar sempre o seu melhor. Não há dúvida que essas excursões constituem em parte viagens de férias, mas os entusiastas do Continente não devem pagar dinheiro apenas para ver grupos cansados «arrastarem-se» ao longo do desafio.

## Como se defende a grande penalidade

Vignal, o guarda-redes acrobático do grupo nacional francês que jogou em Glasgow, disse como defendera a grande penalidade chutada por Young. Antes do desafio um francês que vive em Glasgow avisara-o que Young aponta sempre as grandes penalidades logo que a bola é posta na marca e invariavelmente para a direita do guarda-redes.

«Sabendo isso — disse Vignal — olhei intencionalmente para a minha esquerda, mas resolvido a atirar-me à bola para a minha direita. Logo que Young chutou lancei-me sobre a direita e soquei a bola».

Francamente, o grupo nacional francês esperava pior do que a derrota de 2-0 depois da pobre demonstração feita contra os amadores da Holanda em Roterdão. O grupo de Glasgow deu sinais de mais equilíbrio especialmente na defesa. A imperfeição notada pelos jornalistas desportivos

franceses, que acompanharam o grupo foi em particular a falta de chute rápido sempre que a ocasião se ofereceu. Um jornalista atribui esse facto à demasiada importância dada à defesa, no jogo francês. E' a diferença que existe entre uma vontade positiva de ganhar e uma firme resolução negativa de não deixar o outro lado marcar.

Os jogadores franceses depois do desafio classificaram Gowan como um verdadeiro muro. Susele foi considerado pelos jogadores franceses como sendo o melhor jogador escocês.

Muito se tem escrito sobre o jogo mais que indiferente desenvolvido pelos franceses contra a Holanda.

E' possível que se altere o costume de enviar o grupo nacional para o país visitado alguns dias antes. A mudança de alimentação foi uma das causas alegadas por alguns jogadores para desculpar as suas dificuldades, e sugeriu-se que para o futuro o grupo nacional treine em casa, em ambientes familiares, sem mudanças de alimentação e sem novos horizontes que contribuam para a distração; e que siga para o país estrangeiro só na véspera do encontro. Desta forma a mudança de alimentação não tem tempo de afectar os visitantes.

## Fraqueja a greve na Argentina

A greve futebolística na Argentina parece ter chegado a um fim súbito, a julgar pelas últimas notícias da América do Sul. O campeonato da Argentina começou, e na semana que precedeu os primeiros desafios houve decisões inesperadas da parte de jogadores profissionais que provavelmente receavam que o público se habituasse facilmente apenas aos amadores. O River Plate, o Racing Club e o Tigre anunciaram que todos os seus antigos jogadores assinaram de novo os contratos.

Resta ver em que é que isso virá a afectar os outros países sul-americanos. O entusiasmo do futebol é grande nas repúblicas sul-americanas. Os jornais têm mais papel do que os jornais da Europa, e ao jogo constata-se páginas e páginas de fotografias e relatos.

Segundo informações recebidas da Hungria, por vias clandestinas, houve uma tentativa de fuga de muitos jogadores dos mais conhecidos. A ideia era constituir um grupo de jogadores exilados húngaros que faria excursões de país para país, exibindo o jogo. Havia um plano de treinos intensos, com o alvo de constituir um «grupo maravilha». No último minuto foram traídos. O menos que lhes acontecerá é uma suspensão perpetua, mas recela-se ainda um castigo mais pesado.

Surgiu de novo a questão da participação alemã no futebol internacional. Poeschel, avançado-centro do Nuremberg Foot-Ball Club, foi para

a Suíça, onde assinou um contrato com o Grasshoppers. Este clube cal sob a alçada da Federação Internacional de Futebol, em incluir um alemão...

## A renovação das relações

Deve dizer-se que na Europa se acha em geral, que os clubes e os jogadores alemães não podem ser indefinidamente postos à margem. As relações internacionais estão a intensificar-se em tanto sentido e os encontros no campo do futebol são de molde a fortalecer os laços entre os países mais do que agravar a animosidade. E' difícil para países como a Holanda, a Bélgica e a França cujos jovens foram afastados e levados para a morte em campos de concentração alemães estender a mão amiga, mas no seu conjunto a tendência é para renovar as relações.

No último minuto dos desafios internacionais em França suscita-se o mais vivo interesse pela bola. Os jogadores olham atentamente para o árbitro porque logo que soa o apito final é da tradição que faz lei que o jogador que põe a mão na bola a conserva como recordação.

O efeito dessa tradição é divertido no jogo, porque logo que o árbitro termina o encontro todos os jogadores se lançam sobre a bola tentando conservá-la.

Enquanto o interesse principal se concentra nos clubes e jogadores profissionais, há uma tendência para menosprezar os amadores. Em França, nesta época, a qualidade dos amadores foi particularmente elevada como se demonstrou pelo número de clubes; amadores que foram longe na Taça.

Um jornalista que há muitos anos

segue os grupos amadores franceses diz que a sua defesa é em geral excelente e que os franceses têm um dom particular para produzir bons guarda-redes.

## Intuição

O guarda-redes amador francês parece ter uma intuição daquilo que o avançado contrário vai tentar fazer com a bola. Não é vulgar ver uma fraca exibição do guarda-redes.

O «sportivo» torna-se uma espécie de herói do jogo em França. E muitos rapazes da escola sonham em tornar-se um Vignal ou um Da Rui e há ainda quem fale dos feitos de Charygues, de há 25 anos, que tanto impressionou o Tottenham Hotspur que o desejaram levar para Londres. Foi por certo um dos guarda-redes mais serenos e eficientes da Europa.

E' na linha avançada que os jogadores não são tão bons, havendo a característica nacional do individualismo que dispersa o jogo quando a combinação daria excelentes resultados.

A Taça espanhola tem muitas diferenças das outras competições semelhantes da França e da Inglaterra. A Taça de Espanha é só para os grupos profissionais, 112 ao todo. A ordem por que os clubes entram na competição é, em primeiro lugar, os da 3.ª Divisão. Entram depois os da 2.ª Divisão e em seguida os da 1.ª Divisão que ocupam os últimos 6 lugares e por último os da 1.ª Divisão do sexto lugar para cima.

A parte final da Taça é jogada apenas quando terminou o campeonato da Liga e nessa altura disputam-se todos os domingos até final. Os clubes dos 8.º, dos 4.º de final e das semi-finais disputam os desafios em duas mãos, decidindo o resultado a média dos pontos.

A Final é jogada em Madrid num só desafio. Os clubes eliminados nos 4.º de final e nas semi-finais jogam entre eles para determinar o segundo e terceiro lugar. Uma das grandes vantagens, dizem os espanhóis, é o aumento das receitas de bilheteira.

O campeonato italiano para a próxima época deve começar em 5 de Setembro e ir até 21 de Maio de 1950.

## Companhia Colonial de Navegação

Assegura o serviço regular de passageiros e carga para a Africa Portuguesa e Brasil

e de carga para a América do Norte

A MODERNA OFICINA DE ENCADERNAÇÃO

Rua Eduardo Coelho, 22-C — Telef. 30078

LISBOA

## Campeonatos Regionais

Está provado que os campeonatos regionais, pelo menos o campeonato do Porto, fazem alguma falta. Bem se sabe que a «Taça» tem o seu prestigio, e que as datas não deixam pôr em movimento todos os torneios da simpatia pública. No entanto — se Lisboa reclama o torneio regional, também no Porto se aceita o mesmo pensamento.

Claro que o F. C. do Porto, por exemplo, estando na linha dos clubes fortes do «Nacionais», pode estar pouco interessado nos torneios regionais. Mas isso não é razão. Outros clubes slém do F. C. do Porto podem tirar largos benefícios desportivos e financeiros com o campeonato da sua terra. E pelo país fora?

Tudo poderia resolver-se. Um campeonato numa só volta preparava os clubes para a luta dos «nacionais» da 1.ª, da 2.ª ou da 3.ª Divisões. Os clubes estão asfixiados financeiramente, como ninguém ignora, e se não lhe proporcionam alguns meios de defesa própria — a que poderemos assistir?

Um pouco de egoísmo a menos. Que a voz das colectividades envolvidas no desporto possa ouvir-se. Devem ter muito que dizer nas Associações e nas Federações, e talvez convençam quem de direito sobre a utilidade do torneio que também despertou interesses e ganhou público. O prestigio do futebol, no actual momento, deve muito a essas provas. Que isso não se esqueça, pelo menos.

## Curiosidades...

Fernando Moreira, como já se disse nesta Revista, foi convidado a concorrer à «Volta à França» em bicicleta. O valoroso representante do F. C. do Porto, porém, nada resolveu em definitivo.

◆ Causou satisfação a notícia de visitar novamente o Porto a equipa do Arsenal de Londres.

◆ A assembleia geral do F. C. P. aprovou por aclamação um voto de aplauso ao belo comportamento de Fernando Moreira na «Volta a Marrocos».

◆ Esqueceu-se a boa forma actual de Alfredo, Serafim e Carvalho. Certo é, porém, que os desportistas portuenses já se não surpreendem...

◆ Também se não surpreenderam com a arbitragem parcial do sr. Carlos Lanceiro, no jogo de andebol Belenenses-Porto: O contrário é que seria para admirar.

◆ Por intermédio do nosso camarada Rodrigues Teles, vão ser postas à direcção do F. C. do Porto algumas condições respeitantes à visita dos campeões nortenhos à Africa.

O nosso camarada recebeu essa incumbência, transmitida directamente de Lourenço Marques.

◆ A nova gerência do F. C. do Porto vai pronunciar-se sobre o treinador.

# Stadium

## na capital do Norte

## PROBLEMA RESOLVIDO

O F. C. do Porto resolveu o seu problema directivo. Elegeu na última sexta-feira os novos corpos gerentes, recusando a aventura de se envolver numa eleição caprichosa e sem pés nem cabeça. Todos os elementos são bons quando conhecem com segurança o caminho a percorrer, e não era essa a situação de quase todos os componentes da lista que primitivamente foi posta no sufrágio e em boa hora retirada.

Organizar uma lista em 24 ou 48 horas — é temerário. E perigoso. Perigoso especialmente porque o F. C. do Porto tem as suas responsabilidades no meio desportivo nacional e não pode esquece-los no actual momento. Prestava-se por isso mau serviço à colectividade e também à maior parte dos sócios que na lista foram incluídos.

A assembleia geral, porém, viu a tempo, dando provas de conhecer as suas responsabilidades. Esperou mais 8 dias, elegendo então por unanimidade e o mais inteligentemente possível. Na futura direcção foram incluídos 4 nomes que já passaram por gerências anteriores e deram provas capazes: dr. Miguel Pereira, João Silva, António Gomes de Sousa e Dias Ferreira. Qualquer deles deu provas de saber dirigir e possuir auctoridade. Foi também eleito Carlos Nunes, o antigo extremo-esquerda da equipa, internacional e campeão valoroso, recentemente capitão geral do clube.

Interessando-nos, como desportista que deseja o progresso portuense, a boa marcha das colectividades que lhe pertencem, sentimento-satisfeitos com a solução. O F. C. do Porto tem corpos gerentes à sua altura, embora se preste justiça, evidentemente, a muitos elementos que também o serviriam com dedicação, livres de vaidades tolas.

## OS NOVOS DIRECTORES do F. C. Porto

Como noutra lugar se informa, o F. C. do Porto nomeou finalmente os seus novos corpos gerentes. Eis os seus nomes:

Assembleia Geral — Presidente, dr. Mário Graça Moura, advogado; Vice-Presidente, Aureliano Gonçalves Braga Júnior, advogado; 1.º Secretário, José Donos, comerciante; Vice-secretário, António Marques Oliveira, comerciante.

Direcção — Presidente, dr. Miguel Augusto Gonçalves Pereira, médico; Vice-Presidente, João Silva, guarda-livros; Secretário Geral, António Gomes de Sousa, profissional de seguros; Vice-secretário, Augusto Jacques de Sousa, guarda-livros; Tesoureiro; José Augusto Dias Ferreira, contabilista; Vogals, Carlos Nunes Ferreira da Silva, empregado de escritório e Delém Pinto da Costa, profissional de seguros.

Substitutos — José Dias Leite, Comerciante; Manuel de Sousa Ferreira Neves, industrial; Manuel Ferreira da Silva, comerciante; Abílio Maria dos Santos Teixeira, comerciante; Mário Henriques Vieira, comerciante.

Conselho Fiscal — Presidente, Joaquim Correia da Silva, industrial; Secretário, Alexandre Braga da Costa Andrade, industrial; Relator, dr. Césarino Bonito, médico.

Substitutos — Alfredo de Sousa Pereira, contabilista; José da Costa Melo, comerciante.

## PORTO venceu LISBOA por 7-4 em andebol

Os portuenses conseguiram manter a sua superioridade. De facto e a despeito de nas redes lisboetas jogar Délio, sem dúvida um elemento de excelente classe, pôde a formação nortenha demonstrar boa categoria e ganhar sem discussão.

O jogo disputou-se no Campo do Luso perante assistência numerosa, — como é costume, no Porto, quando o desafio de andebol tem categoria.

Compareceram, pelas equipas: Porto — Oliveira, Reis, Neca e Pires; Campos e Jaime; Zé Manuel, Montalvão, Paulo, Augusto e Fabião.

Lisboa — Délio, Lanceiro, Meira e Macara; Nunes e Trindade; Nascimento, Neves, Albuquerque, Fonseca e Matos Moura.

O seleccionado lisboeta não soufreu qualquer modificação, enquanto os portuenses, alinharam na 2.ª parte, com Abílio a ocupar o lugar de Jaime, e apresentaram um quinteto dianteiro formado por: Grijó, Pires, Paulo, Montalvão e Fabião.

Agora, trata-se da preparação do grupo que brevemente jogará contra a França. Ontem realizou-se mais um treino, sob as vistas do Correlá César, seleccionador nacional, e de Alves Teixeira, que selecciona o conjunto do Porto.

## Volta a França talvez não...

FALA-SE na ida de Fernando Moreira à «Volta a França». O caso merece ser ponderado e cuidadosamente revisto — pelo próprio interessado, que por certo se não entendeu com os sucessos de Marrocos.

Mas a «Volta à França...» não se parece nada com a «Volta a Marrocos», embora Fernando Moreira seja atleta para enfrentar todas as contrariedades. Em nossa opinião, Fernando Moreira pode vir a enfileirar no lote dos concorrentes da prova velocipédica mais famosa do Mundo. Tem categoria, mesmo agora, para tanto. Mas se o fizer depois de mais experiente, depois de mais umas «voltas», ganhará com certeza «altura» e confiança em si próprio, capacidade para se bater com os mais famosos adversários e as inevitáveis contrariedades.

Claro que nos limitamos a simples considerações e por nos interessar o bom comportamento de um ciclista tão bríoso como o popular Moreira. Ele e os seus dirigentes saberão escolher como convier. Cautels, entretanto, com aventuras, porque um homem só, sem apoio, entre corredores de experimentada categoria, está sujeito a todas as desventuras em plena estrada.

Sabe-se que Fernando Moreira pode ser encaixado numa equipa estrangeira, mista, talvez subsidiada por uma das grandes fábricas de material velocipédico. Isso pode contrariar, igualmente, as suas ambições — e as nossas, bem portuguesas. Quando se triunfa e se conseguem os primeiros lugares — «trabalham» e servem de «guardeiros» os menos bem classificados. Se não acontece assim — passa a ser-lhe atribuído o papel dos últimos. E a classificação honrosa perde-se.

Fernando Moreira já obteve ensinamentos em Marrocos. Precisa de muitos mais, e na «Volta a França» pode conseguí-los. Pois que se prepare para isso. É novo, tem bom futuro na sua frente, e se não se deixar deslumbrar será-lhe fácil atingir a sonhada celebridade.

**ANDEBOL**

**NORTE, 7—SUL, 4**



A selecção portuguesa que venceu o País de Gales por 3-2



Os capitães trocam galardetes



O árbitro italiano Generoso Datio, acompanhado dos juizes de linha Domingos Miranda e Borques Leal



1



2



3



4

1—Montalvão remata com êxito—excelente golpe; 2—A equipa vitoriosa do Norte; 3—A selecção do Sul que lutou corajosamente; 4—Um avançado de Lisboa, apesar da oposição, consegue rematar

**PORTUGAL, 3 PAÍS DE GALES, 2**



A selecção do País de Gales que fez uma boa exibição no Estádio Nacional



## OS 45 ANOS DO BENFICA

O presidente do Benfica, dr. Mário Madeira, discursa na sessão solene da Benfica presidida pelo sr. coronel Sacramento Monteiro. Francisco Retorta, vice-presidente do Benfica, recebe a medalha de 25 anos de associado e recebe uma ovação calorosa e sincera



## PROVAS DA MOCIDADE PORTUGUESA

O tiro desportivo tem na Mocidade Portuguesa muitos adeptos. Eis um grupo numeroso dos concorrentes à prova «Omnium» disputada no último domingo. Ao lado uma fase do jogo de basquetebol entre as alas de Torres Vedras e Setúbal finalistas do campeonato Provincial.



## DESPORTO CORPORATIVO

1 — Equipa do G. D. Ferroviários de Campanhã, vencedora pela segunda vez consecutiva do Campeonato Nacional de basquetebol, 1.ª categoria. 2 — A equipa do G. D. da Fábrica de Cerâmica do Cavalinho, vencedor em 2.ª categoria. 3 — Equipa dos C. T. T. vencedora do Campeonato Distrital de Ciclismo. À direita o vencedor Júlio Mourão. 4 — A equipa da Fábrica Cimento Tejo, vencedora na 2.ª categoria. Ao centro Joaquim Anacleto, vencedor individual. 5 — Equipa dos C. T. T. vencedora em 3.ª categoria. À esquerda Angelino Tavares da Silva, vencedor.



## FERNANDO MOREIRA JÁ CHEGOU AO PORTO

Fernando Moreira o magnífico ciclista do Futebol Clube do Porto, que na recente Volta a Marrocos conquistou classificação excelente, já regressou ao Porto.

O valoroso ciclista recebeu no Estádio do Lima as ovações entusiásticas do público.

## REMO

No passado domingo, em Lisboa e no Porto efectuou-se o «Dia do Principiante». À esquerda o «Yolle» de 8 do Desportivo da Cuf vencedor da taça «João Sasseti». À direita o «Yolle» de 8 do Sport Clube do Porto vencedor da regata da sua categoria.



# A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO

## NOTA DA SEMANA

**A** CONTECEM de vez em quando, no decorrer das competições desportivas, incidentes estranhos e imprevisíveis que obrigam os árbitros dessas mesmas competições a decidirem repentinamente, sem o auxílio dos códigos que regulamentam a prática das modalidades em causa.

Acode-nos à lembrança, por exemplo, um combate de boxe no Coliseu dos Recreios, já lá vão duas dezenas de anos bem puxados. Os nomes dos pugilistas perderam-se, neste «mare magnum» de recordações catalogadas que é o nosso cérebro, mas o nome do árbitro jamais o esqueçamos, por ter sido uma bela alma de pioneiro pela modalidade e praticante de mérito: Agostinho de Andrade, amador que representou o Casa Pia A. C.

Um dos boxistas aplicou no corpo do adversário, no acto deste último recuar até às cordas, um soco heroico e logo os dois corpos, unidos como almas gêmeas, caíram sobre o poste, violentamente. O cercado do ringue — postes e cordame — não haviam sido montados de acordo com as mais prudentes previsões, pelo que, sob o peso dos homens, todo o conjunto cedeu e, numa confusão fabulosa, os gladiadores do punho estatelaram-se no soalho do circo, emaranhados, atônitos e contusos.

Debalde o árbitro procurou resolver o problema inesperado, ora puxando ele mesmo pelas cordas, ora acudindo aos restantes postes da madeira, que seguiram o caminho dos jogadores. Tudo foi vão e, como não fosse possível a A. de Andrade nem aos que acudiram, remediar os efeitos do desastre, depois de muitos minutos de inactividade nesse sentido, o resultado da peleja foi o de «mat h'o nulo» — pouco ou nada conforme com a índole dos regulamentos e até com a sua letra expressa.

Há poucos dias, em Paris, produziu-se outro incidente do mesmo género que merece ficar arquivado como protótipo do que chamaremos casos desconcertantes da vida dos árbitros de boxe.

Em combate suplementar, na sessão de boxe entre o americano Belloise o francês Stock, o peso semi-pesado norte-americano Larry Shaw — de 18 anos — fez frente ao jogador suíço Sollinger — creatura de estatura elevada.

Larry, em plena fúria, saudou o helvético nos dois primeiros assaltos e preparava-se para concluir a obra no terceiro assalto quando, em resultado de um soco puxado à bruta e que atingiu o peito de Sollinger, o protector do baixo ventre deste último pugilista se depreendeu como por encanto e escorregou-lhe ao longo das pernas.

No meio da natural confusão, o árbitro suspendeu a pugna e o principal auxiliar do suíço, ajudado por outros padrinhos, tentou remediar o incidente, colocando o protector na posição adequada ao que o objecto obstinadamente se recusou. Como o tempo passasse, a hora fosse tardia e não seja consentido combater sem o uso de protector, o árbitro resolveu anunciar a vitória do pugilista americano, por abandono forçado do seu adversário.

Se ambos os incidentes a que fazemos referência foram forte soberba de risola, cá e em Paris, não devemos deixar de fazer crítica às decisões arbitrais. Quando motivos de força maior interveem no desenrolar de um combate de boxe — e em ambos os casos sucedeu assim — decidir contra um ou dois pobres diabos, vítimas desses mesmos incidentes, tem bastante de injusto.

Os regulamentos internacionais prevêm o resultado de «no-conteste», isto é, de combate anulado — diferente de empate ou «match» nulo — que é o que se impõe sempre que uma causa extranha e imprevisível surge a embaraçar o juiz da contenda.

Seria essa, portanto, a boa decisão.

Rafael Barradas

## Manuel BARATA

Nosso colaborador — Técnico fotográfico

Participa que tomou a gerência técnica de A. R. L.

ARTES REUNIDAS, LIMITADA

Avenida Almirante Reis, 97, 1.º — Telef. 45296 — LISBOA

FOTOGRAFIA ↔ PUBLICIDADE ↔ CINEMA

## Futebol

Que se pode atingir um elevado nível desportivo sem o recurso do profissionalismo integral demonstrou-o a equipa da Suécia, quase constituída por amadores. Em Estocolmo, o grupo que venceu o torneio olímpico derrotou o «team» representativo da Liga Inglesa por 3 bolas a 1, sendo aquelas marcadas na primeira parte.

Segundo o cronista da Reuter, Vernon-Morgan, raras vezes terá uma selecção do Reino Unido actuado tão atrevidamente desunida como esta e os amadores suecos deram uma verdadeira lição aos profissionais ingleses, dominando-os em todos os capítulos do jogo.

A meio da 2.ª parte Tom Finney marcou o tento dos visitantes. Dos suecos distinguiram-se Gunnar Gren, meia-direita, Henry Carlsson, meia-esquerda — os dois artífices principais do resultado — e Hans Jéppsson avançado-centro.

Terminou o campeonato da Liga Inglesa com os resultados seguintes:

I Divisão — Portsmouth (vencedor), Manchester United (segundo), Baixaram à II Divisão, Sheffield United e Preston North End.

II Divisão — Fulham (vencedor), West Bromwich Albion (segundo). Ambos ascendem à I Divisão. Baixaram à III, o Lincoln City e o Nottingham Forest.

III Divisão (Sul) — Vencedor e promovido o Swansea Town. O Aldershot jogará com Crystal Palace, para escolha do outro promocionário.

III Divisão (Norte) — Vencedor e promovido o Hull City. O Southampton jogará contra Bradford City para escolha do outro promovido.

O Racing Clube de Paris conquistou a Taça da França batendo o favorito e detentor, Lille Olympique Sporting Clube, por 5-2. O desafio realizou-se no Estádio de Colombes, sendo presenciado por 65.000 espectadores, o máximo que o recinto comporta. O ataque parisiense, vivo e muito variado (diz Lucien Gambelin) sufocou praticamente a defesa dos nordistas.

Depois desta vitória, o Racing apresta-se para conquistar igualmente o campeonato da Liga.

## Ténis

Os jogadores americanos que se encontram actuando na Europa, Budge Patty e Frank Parker, derrotaram em Barcelona contra os melhores praticantes do país vizinho.

Frank Parker ganhou a Luís Carlos, por 6-2, 6-2 e 6-0, depois de uma luta fácil e Budge Patty derrotou Pedro Massip, por 5-7, 7-9, 6-4, 9-7 e 6-3.

Parker e Patty actuando em conjunto venceram Massip e Bartoli, por 6-3, 6-4, 5-7 e 6-3.

regular Lee Oma, no dia 24, em Buffalo.

Anuncia-se para a mesma data em Montreal, o desafio entre Laurent Dauthuille, peso-médio francês, e o campeão do Canadá, Johnny Greco.

## Natação

Allen Stark, forte nadador da Universidade de Yale — vencedor olímpico dos 100 metros-costas — melhorou agora o máximo internacional dos 200 metros no referido estilo.

Stark percorreu esta distância em 2 m. 18,5 s., batendo o máximo anterior, que pertencia a Adolfo Kiefer, desde 1944, com mais 8 décimos.

## Boxe

Os principais acontecimentos desportivos desta semana sucederam na Europa. Em primeiro lugar, disputou-se em Bruxelas (Bélgica) o campeonato de pesos-médios, entre Cirilo Delannoit e o italiano Tibério Mitri, o primeiro detentor do título e o último pretendente oficial. Após um combate que surpreendeu o público, pela superioridade nítida do visitante, e durante o qual Cirilo desceu várias vezes à lona sacudido pelos golpes colocados do pino esgrimista transalpino, o árbitro outorgou a vitória a este último, por pontos.

Em Casablanca, sob um mordaz sol africano, Marcel Cerdan derrotou o criaco polaco-francês Krawczyk, por K O ao quarto assalto. Depois de dominar no «round» inicial, o vencido recebeu forte punição, propinada por um Cerdan em grande forma. Apesar do grande esforço produzido pelo simpático campeão mundial, o público saiu do recinto pouco contente, por considerar que Krawczyk não era adversário à altura do favorito.

O campeão da Europa de «semi-leves», Raymond Farnoch, considerado o melhor pugilista francês logo abaixo de Cerdan, apresentou-se ao público em Evreux, combatendo o duro bordelense Mateos, por pontos. Farnoch, se tivesse golpe duro, seria um magnífico competidor para disputar o título mundial ao americano Willie Pep.

Nos Estados Unidos, os acontecimentos mais importantes da última semana foram estes:

Em Fall River, o marroquino-espanhol Ben Buker, pós fora de combate Hilton Lattimore, de Nova York, ao 5.º assalto. O campeão de França da categoria semi-médios, Jean Walzack, em vésperas de combater, lançou oficialmente um repto ao detentor do título europeu da mesma categoria, Livio Minelli, enquanto se discute a data do encontro daquele com o americano Vern Mitchell, em Detroit.

O peso-pesado austro-francês, Jo Weidin, já bastante sacudido com algumas derrotas e vitórias caras, deve enfrentar o ir-

## ATLETISMO

# O primeiro torneio de aspirantes

**N**A pista do Lumiar apresentaram-se no sábado e domingo passados, pela primeira vez, os atletas da nossa categoria de aspirantes, dos 16 aos 18 anos, que correspondem, no atletismo, aos alunos das escolas de preparação desportiva que estavam já em actividade noutras modalidades.

O êxito da exibição foi completo e de lamentar apenas que fossem só três os clubes presentes, Benfca, Colégio Militar e Sporting; é precisamente nestes torneios que os clubes sem equipas formadas, como o Belenense, o Atlético, o Oriental ou a Cufa do Barreiro, maior interesse têm em comparecer e melhores condições encontram para competir em plano de igualdade com os grandes.

Os jovens praticantes deram largas à sua mocidade entusiástica e dinâmica, mas também mostraram o mais louvável espírito de disciplina e compreensão desportiva. A maneira como se comportaram os corredores, obedecendo às vozes do juiz de partida, pode servir de exemplo a muitos consagrados, no que representa de autodomínio e consciência desportiva.

Foram em número de treze as provas incluídas no programa: oito corridas, das quais o Sporting ganhou cinco, o Benfca duas e o Colégio Militar; e cinco concursos, cujos vencedores foram, com excepção da altura em que triunfou um benfiquista, todos rapazes do Colégio Militar.

Entre as seis ou sete dezenas de participantes apareceu excelente matéria prima e mesmo alguns valores já positivos. Quatro corredores nos impressionaram em especial e nos deixaram a ideia de autênticos «aspirantes a campeões»: o barreirista Miguel Sadadura, extraordinário de ligei-

reza e perfeito estilista; o corredor de meio-fundo curto Adelino Fernandes, de harmoniosa passada, larga e fácil, que deve valer menos de 1 m. 10 e nos 800 metros (quase tanto como os azes); o corredor de velocidade Carlos Graça, futura estrela dos 400 metros, longilíneo de boa estampa e, ainda, Jones Fernandes, sólido, combativo, no qual vemos num futuro animador do nosso paupérrimo meio-fundo longo.

Estes os que poderemos classificar de classe excepcional; mas com muito boa cotação citaremos mais Roberto Durão, de promissor ecletismo; os irmãos Pignatelli, geitosos e aos quais apenas falta poder físico, que se adquire com o tempo e cuidada preparação ginástica; Fidalgo e Mário Tomás, corredores de reais qualidades, que a experiência valorizará; o saltador em altura René Hennesel, talhado para a especialidade e que triunfará quando vencer uma indolência incompreensível tratando-se de corredor regularmente rápido; Almeida Pinheiro e Verschneider, enérgicos e já possuidores de apreciável estilo; os lançadores Nuno Bivar e o mais novo dos Mire Dores, que se propõe, pelo visto, seguir os passos do irmão.

Com estas referências fica feito o balanço sumário do auspicioso torneio de abertura da temporada de pista. Digamos também, para finalizar, que a organização foi regular, com um evitável e desagradável enorme compasso de espera na tarde de sábado, para colocação das barreiras.

Finalizemos com caloroso «bravo» ao juiz de partidas, Viriato de Figueiredo, cuja acção foi de categoria em que há muito tempo não víamos em provas nacionais.

Salazar Correia

## NATAÇÃO

# A segunda jornada

## dos «Campeonatos da Primavera»

Proseguiram no domingo de manhã, com a realização das provas correspondentes à segunda jornada, os «Campeonatos da Primavera» do Sport Algés e Dafundo.

O programa cumpriu-se inteiramente e as corridas, ainda que prejudicadas pelo vento que soprou forte, decorreram com animação e proporcionaram alguns «tempos» agradáveis.

Os «juventes» — prometedores nadadores de palmo e meio — correram os 53 metros-costas, que Fernando Castro ganhou em 33,3 s., seguido de Guilherme Neves Ferreira (34,7 s.) e de Manuel Costa (38,6 s.).

Fernando Celso Amaral — um «infantil» muito persistente e que revela progressos — venceu os 66 metros-livres em 53,7 s. Agostinho Janeiro não lhe ficou longe, com 55,1 s.

Entre os «iniciados» temos a salientar a bela prova de João Manuel

Rocha Calixto nos 100 metros-costas, onde obteve o magnífico «tempo» de 1 m. 21,5 s. — marca que demonstra bem as suas reais possibilidades. A seguir: Vitor Canlino (1 m. 36,8 s.) e João de Oliveira (1 m. 55 s.).

Os «principiantes» correram os 400 metros livres. Os «internacionais» Fernando Madeira (5 m. 52,5 s.) e Eduardo Barbeiro (6 m. 02,4 s.) conduziram sempre a prova, ocupando, justamente, os lugares de honra.

Para os nadadores juniores e seniores — que corriam em conjunto — havia duas provas: 100 metros-costas e 200 brucos. Na primeira, o triunfo pertenceu, como é natural, ao nosso melhor especialista, João Franco do Vale que correndo à vontade cobriu o percurso no «tempo» de 1 m. 15,8 s. Nos 200 metros-brucos, Luís Ricardo Sebastião venceu destacado em 3 m. 17,6 s. Os «tempos» foram fracos. Eduardo Candelas (3 m. 26 s.) e Carlos Amaro (3 m.

## Cavaleiros portugueses em Paris e Madrid

(Continuação da pág. 5)

O seu comportamento em 1948 e neste começo da época, deu-lhe absoluto lugar na equipa. Montara no estrangeiro o argentino «Congó» —, o cavalo mais premiado do ano fiado, que este ano venceu já o «Grande Prémio de Mafra» e a Taça «General Hígino Barata» —, levando também o puro sangue irlandês «Zuart», sem dúvida uma das melhores montadas da equipa. Dois cavalos de categoria internacional.

O capitão Guedes de Campos, fez parte da equipa que em 1945 disputou os Concursos de Madrid e Barcelona, tendo sido vencedor de inúmeras provas na África do Sul. Desembarçado e destemido, tem um estilo muito seu que o torna particularmente brilhante. Possui dois cavalos que este ano em Mafra fizeram alarde das suas qualidades — «Mondina», anglo-árabe neta de «Velox» e «Vouga», puro sangue irlandês.

O capitão Fernando Cavaleiro, que pela primeira vez toma parte na equipa nacional foi todavia olímpico em 1948 visto que disputou em Londres a prova «Curso Completo de Equitação» correspondente ao nosso Campeonato de Cavalo de Guerra. Obteve na capital britânica a melhor classificação dos portugueses. Possuidor das qualidades indispensáveis a um concursista internacional, apresentou em Paris e Madrid a égua irlandesa «Gaza», com a qual tão bons resultados obteve em Mafra e ainda a anglo-árabe «Flávia», de prometedores recursos.

Finalmente o capitão Henrique Calado é sem dúvida um elemento imprescindível numa selecção, tal a confiança que o seu nome e o seu prestígio emprestam à equipa. Cavaleiro de excepcionais qualidades, possuidor de um temperamento desportivo do melhor quilate, foi internacional em Madrid, Barcelona e Burgos e olímpico em Londres, onde disputou a «Taça das Nações». Montará este ano «Rosa» — o nosso maior ganhador, um argentino que já ganhou cerca de vinte vezes mais do que aquilo que custou — e «Favorito», um anglo-árabe com seis anos que se bate já com os «ases» e lhes leva a palma.

São estes os quatro cavaleiros que, chefiados pelo tenente-coronel Ivens Ferraz, vão arcar com a responsabilidade da nossa representação em Paris, de 24 a 29 deste mês, e em Madrid, a partir de 3 de Junho.

Aos representantes do hipismo português desejamos, sinceramente, as maiores felicidades, para que em luta com fortíssimas equipas estrangeiras se mantenham as tradições da nossa cavalaria.

Antes Teixeira

42,5 s.). Continua a crise de «brucistas».

As senhoras disputaram os 100 metros-costas. Vitória nítida da Maria Inês Santos em 1 m. 50,2 s. Maria Jélia Linheiro — irmã da antiga e inesquecível Ana Diniz Linheiro — continua a progredir a olhos vistos e creditou-se de 1 m. 58 s.

Os «Campeonatos da Primavera» terminam no próximo domingo, com as provas correspondentes à sua terceira jornada.

Abreu Torres

## Os Jogos nos antípodas

**N**O congresso de Roma os pontífices olímpicos designaram a cidade australiana de Melbourne para sede dos Jogos de 1956, após renhida luta com Buenos Aires, que apenas foi vencida por um voto.

Esta decisão, que não constituiu surpresa, cria no entanto para os organismos responsáveis do continente europeu dois problemas difíceis: um, de ordem material, a enormidade da viagem; outro, de ordem técnica, a época dos Jogos.

A viagem até à Austrália, embora possa considerar-se rápida utilizando o avião, custará a bagatela de 50 contos por pessoa e obrigará a selecção muito mais rigorosa dos atletas.

Por outro lado, devemos lembrar-nos que no mês de Julho europeu se está em pleno inverno australiano, impróprio para a celebração dos Jogos Olímpicos. Assim, o certame de 1956 não poderá decorrer na época habitual, mas bastante mais tarde, em fins de Setembro e Outubro, meses que correspondem à primavera australiana.

Para algumas modalidades desportivas é bastante complicado apresentar, em tal época do ano, os seus praticantes no óptimo da forma.

Bem sabemos que estes embaraços são, afinal, os mesmos que os representantes da Austrália e países da mesma latitude têm sentido nos Jogos passados; mas o número de nações lesado será, agora, muito maior, seis ou sete vezes superior.

Estudando imediatamente o problema, o diário francês «L'Equipe» alvitrava a realização de torneios eliminatórios em diversas zonas, apurando para a competição final somente os quatro primeiros de cada prova em cada zona, ou as duas melhores equipas, nos desportos colectivos.

As zonas seriam três: a euroafricana, compreendendo os dois continentes; a americana, incluindo as duas Américas e ilhas vizinhas; por fim a australiana, englobando as nações da Ásia, Austrália e ilhas vizinhas do Pacífico ou Índico.

A sugestão é bastante interessante mas não nos parece viável, pois contraria a doutrina do estatuto olímpico. É bem verdade que este data de há mais de cinquenta anos e as condições de hoje, estruturalmente diferentes das de então, aconselhariam uma revisão modernizadora. Mas os zeladores do olimpismo contemporâneo não de tal forma coisas das suas tradições, que não é de prever profunda remodelação dos preceitos regulamentares estabelecidos.

S. C.



O despacho forte de um defesa da Académica



O grupo da Académica, mais uma vez finalista do Campeonato Nacional de Júniores

## STADIUM

Sai na próxima Quinta-feira, dia 26 com a re-  
portagem do

## PORTUGAL-IRLANDA

por TAVARES DA SILVA



Os jogadores da Académica apresentaram-se de capa e batina



O remate de cabeça de um dianteiro do Benfica que é defendido pelo guarda-redes, da Académica



A Volta de Honra do Benfica ao Estádio Nacional

## BENFICA CAMPEÃO NACIONAL DE JUNIORES



O prof. Pires de Lima, ministro da Educação Nacional, tendo ao lado o eng. Mascarenhas de Menezes, entrega a taça ao capitão do Benfica. O capitão da Académica assiste à cerimónia



Benfica, o campeão nacional de Júniores, acompanhado do treinador inglês Ted Smith